

Caminhos Entre a Dominação e a Submissão: a Construção da Identidade Cultural Feminina em *I Love My Husband*, de Nélida Piñón a Partir dos Construtos Sobre Memória

Cristiane Penning Pauli De Menezes
Universidade Feevale

Fernanda Rodrigues
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

O presente estudo objetiva demonstrar a construção da identidade feminina impulsionada por questões inerentes à memória e relações de gênero. Para tanto, utilizou-se como paradigma a narrativa *I LOVE MY HUSBUND* da escritora Nélida Piñón, a fim de realizar uma análise da construção da identidade feminina representada no conto. Para que essa análise fosse possível, através da técnica de pesquisa bibliográfica, foram elucidados os construtos conceituais de gênero e de memória. Empregando-se o método de abordagem sistêmico-complexo, realizou-se uma análise das principais passagens do conto, nas quais foram possíveis identificar fatores que levam a construção da identidade atrelados à condição do ser mulher para, posteriormente, analisar de forma mais conceitual as questões de identidade, gênero e memória, que dialogam entre si. A análise da narrativa se viabilizou por meio do método de procedimento monográfico. Desta maneira, foi possível verificar que a identidade feminina está atrelada às questões históricas, o que leva à construção da memória da mulher que, primitivamente, era vista exclusivamente para tarefas matrimoniais e domésticas. Sendo assim, a memória de uma mulher, juntamente com a sua identidade, acabam por definir o gênero feminino.

Palavras-chave: Gênero. Identidade. Memória.

1 Introdução

A identidade da mulher costumeiramente fora atrelada aos conceitos e visões de submissão e inferioridade em relação ao gênero masculino. A mulher, desde tenra idade, imbricada no seio familiar, era condicionada a curvar-se a uma cultura que lhe atribuía a posição de esposa, mãe, e, servidora de seu marido.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a sociedade condicionava a realização da mulher ao sucesso de seu marido e à constituição de uma família. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa foi ancorada nas temáticas de gênero, identidade e memória, utilizando-se como escopo o conto *I LOVE MY HUSBUND* da escritora Nélide Piñon. Assim, este estudo se ateve em realizar uma construção e análise da identidade da mulher na narrativa referida.

A metodologia para viabilizar este estudo obedece ao trinômio: Teoria de Base e Abordagem, Procedimento e Técnica. Para evidenciar a questão norteadora, utilizou-se como método de abordagem o sistêmico-complexo, eis que juntamente analisou-se o conto, dando ênfase a algumas passagens substanciais que manifestam questões de gênero, memória e identidade feminina.

Neste contexto, para compreender – e acompanhar – a evolução de conceitos tão importantes, como é o de gênero, memória e identidade feminina, não se pode deixar de observar o todo, ou como diz Morin (2010), o sistema. Esta é a única possibilidade de proporcionar uma abordagem multidisciplinar e transdisciplinar que, ao fim e ao cabo, definem a complexidade, hoje presente na sociedade. Motivo pelo qual, o conto será imbricado durante todo o decorrer do trabalho.

Como método de procedimento, por sua vez, foi utilizado o monográfico, a partir do estudo do conto e análise pormenorizada de alguns trechos considerados por esta autora como essenciais para o deslinde desta pesquisa.

Para tanto, a presente pesquisa estruturada em dois capítulos. Em um primeiro momento, buscou-se trazer a exposição da condição da mulher no âmbito da literatura brasileira. Posteriormente, foi elencada uma breve explanação da condição da mulher no conto *I LOVE MY HUSBUND*, o qual é o escopo deste estudo. A análise realizada nesta pesquisa é imbricada com outros estudos já realizados a respeito da narrativa, destacando-se a autora Lúcia Osana Zolin.

Posteriormente, foi realizada uma análise conceitual de gênero, identidade e memória, bem como procurou realizar-se uma ligação destes conceitos com a narrativa. Demonstrou-se desta forma, qual a condição atribuída à mulher e maneira como é construída a identidade da protagonista a partir de suas próprias palavras e lembranças.

2 Um Passeio na Crítica Feminista Literária e a Representação do Mundo pela Linguagem Literária Feminina no Conto *I Love My Husband*, de Nélide Piñon

A condição social primitivamente imposta à mulher vem, aos poucos sendo desconstituída e, aquela que era vista como um ser sem voz e sem vez busca o seu espaço e revoluciona os paradigmas que lhe reduziam à “mulher mãe, esposa e dona de casa”. Sempre à sombra de seu homem.

É incontroverso que ao se discutir a condição feminina em perspectivas históricas, o discurso remete-se aos conceitos de submissão e inferioridade. Os padrões sociais historicamente atribuídos à mulher condicionaram a sua própria realização - enquanto mulher - na constituição de uma família, em que o homem autoritário e garantidor do sustento familiar ditava as regras à mulher. Aos olhos da sociedade, a mulher, mantida por seu marido e, portanto, com uma vida sem esforços, não possuía motivos dos quais se queixar.

A mulher, historicamente, ocupou a condição de submissão e inferioridade diante a existência de uma hierarquia familiar, reproduzida de geração à geração. Inicialmente, no seio familiar, a submissão se dava em relação à figura paterna que, posteriormente cedia o papel ao marido.

Com o passar das décadas, movimentos sociais idealizados pelas mulheres, marcaram o início da quebra dos velhos paradigmas representando as aflições femininas na construção de uma identidade própria, na crítica e não mais aceitação da posição feminina que anteriormente lhe tocavam.

Neste cenário de lutas e manifestações de suas inquietações, a força feminina passou a ganhar espaço e deixar sua marca nos últimos séculos. As mulheres passaram a serem donas do seu próprio corpo e, gradativamente, conquistam espaço no mercado de trabalho.

Os movimentos das mulheres surtiram efeitos dentre outros segmentos, na literatura brasileira. Segundo Zolin, a crítica feminista nasce por volta dos anos 1970 no contexto do feminismo (199, p. 27), visando à construção de novos paradigmas, desconstituindo a hierarquia existente entre homem e mulher e as ideologias que até então

foram impostas as relações de gênero, objetivando constituir a identidade feminina (ZOLIN, 2009, p. 105).

No cenário da crítica feminista e do início do empoderamento das mulheres que por muitos anos foram invisíveis em uma sociedade demarcada pelo poder masculino, a mulher passa a conquistar o seu espaço e fazer história no campo da literatura. Afirma Zolin que a literatura de autoria feminina, emergente da pós-modernidade, vem ganhando espaço no âmbito da sociedade, eis que “as novas configurações sócio-culturais da pós-modernidade são representadas e discutidas criticamente nos textos literários escritos por mulheres” (ZOLIN, 2009, p. 105).

Constância Lima Duarte trata da revolução da literatura juntamente com a revolução sexual construída pelas mulheres como a quarta onda do feminismo. Segundo a autora o feminismo pode ser compreendido a partir da sua divisão em fases. A primeira delas Duarte nomina como “as primeiras letras”, a segunda fase é chamada por “ampliando a educação e sonhando com o voto”, a terceira “rumo a cidadania” e a quarta, objeto dessa pesquisa, é a revolução da literatura. (2003, s.p).

Fora nos anos setenta que se desenrolou a fase da revolução da literatura. Os movimentos das mulheres, as suas reivindicações se fortalecem, na medida em que passaram a se realizar encontros e congressos que discutiam as reivindicações femininas. O movimento feminista no Brasil surtiu efeitos diversos, tendo em vista que as mulheres tiveram de se posicionar também “contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida” (DUARTE, 2003, s.p). Neste sentido:

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. O resultado, sinalizado pelas muitas pesquisas realizadas no âmbito da Crítica Feminista desde os anos 1980 no Brasil, aponta para a re-escritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. A noção de representação, nesse sentido, se afasta de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais. (ZOLIN, 2009, p. 107).

Conforme se depreende das palavras de Zolin, a crítica feminista atrelada ao feminismo na luta pela concessão de voz e vez para a mulher na sociedade, passa a desconstituir as condições inicialmente impostas à mulher, que ganha espaço na literatura brasileira.

Em meados da década de setenta, surgiram jornais e periódicos dirigidos por mulheres, os quais se destinavam a tratar de questões polêmicas femininas, tais como o aborto, as mulheres no campo de trabalho e também as mulheres na literatura (DUARTE, 2003, s.p).

Zolin, ao tratar da literatura brasileira de autoria feminina destacou autoras que marcaram a fase da revolução da literatura com seus romances que trazem como protagonistas mulheres libertárias “construídas a partir de uma concepção feminista do modo de ser e de estar da mulher na sociedade; [...], capaz de pôr em cheque a ilusão de verdade e de promover o fenômeno da desficcionalização do que está sendo narrado” (ZOLIN, 2009, p. 106).

Elódia Xavier, igualmente faz uma construção de escritoras mulheres representativas de cada fase da literatura de autoria feminina. No cenário brasileiro, a primeira literatura de autoria feminina é o romance Ursula (1859) da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. O romance elenca os valores patriarcais e ainda trata da mulher como sendo um ser frágil, dependente do homem. Posteriormente, Clarice Lispector coloca em discussão em suas obras as relações de gênero. Têm-se ainda outros nomes que marcaram a literatura brasileira feminina, dentre eles Simone de Beauvoir, Lya Luft (XAVIER, 2012, s.p) e Nélide Piñon. O objeto do presente estudo é desacortinar o seu conto *I LOVE MY HUSBAND*, de Piñon, uma vez que sua escrita representa um campo frutífero para discussão da condição da mulher na sociedade.

Nélide Cuniãs Piñon nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1937, é escritora e jornalista, além de ocupante da cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras. Autora de romances, contos, discursos, crônicas e memória, possui suas obras traduzidas em mais de 30 países (ACADEMIA BRASILEIRA, 2018, s.p). O conto *I LOVE MY HUSBAND* faz parte da obra *O calor das Coisas* e retrata a realidade de uma mulher que passara a sua vida como sombra de seu marido e para o seu marido, vivendo a vida de um homem, que aos olhos da sociedade lhe garantia uma vida perfeita, mesmo que o significado de vida perfeita fosse deixar de lado os seus próprios desejos para satisfazer os desejos e necessidades de outrem.

Narrado em primeira pessoa, a personagem feminina protagonista do conto, descreve com inquietudes e ironias a sua própria rotina enquanto mulher e esposa. O cenário principal da narrativa é o interior da casa onde vive com seu marido, o que por sua vez, logo de início já remete à ideia de que possivelmente, aquela mulher não conheça outro mundo, a não ser aquele existente entre as quatro paredes de sua casa.

O conto descreve a rotina de uma mulher que após transformar-se em esposa passou, em verdade, a servir o seu marido e a condicionar a sua vida em razão da necessidade

de seu homem, o que lhe tornou uma boa esposa e dona de casa, prendada e que aos olhos de seu marido não “faz outra coisa senão consumir o dinheiro que ele arrecada no verão”. (PIÑON, 1980, s.p).

Para Zolin, o conto de Nélide Piñon pode ser dividido em três momentos: o primeiro consubstancia-se no conformismo da protagonista com a situação que vivencia; o segundo é marcado pela rebeldia da mulher - rebeldia essa que, no entanto, é realidade apenas no plano dos seus pensamentos - e, o terceiro momento pode ser identificado como a retomada da personagem para a sua realidade (2008 p. 22-23). Partindo dessa premissa, a pesquisa elencará a análise do conto em conformidade com os três momentos destacados.

O conformismo da protagonista pode ser essencialmente identificado em razão das frases “eu amo o meu marido”, enquanto abertura da narrativa e “ah, sim, eu amo o meu marido”, enquanto encerramento do conto e que igualmente pode ser interpretada como a retomada da mulher para a realidade (PIÑON, 1980, s.p).

A partir da exposição de detalhes e acontecimentos de sua rotina diária, a própria protagonista é autora de justificativas que lhe fazem acreditar em um casamento perfeito que, na verdade, não existe. (ZOLIN, 2008, p. 23). Os relatos deixam evidente que aquela mulher acredita na sua própria distorção da realidade para desta forma, sentir-se um tanto quanto menos amargurada.

A mulher se cala e se conforma, pois, ao fim e ao cabo, a sua função dentro daquela casa era a de servir ao seu marido, o qual sempre detinha a razão de suas atitudes, eis que:

A mim também me saúdam por alimentar um homem que sonha com casas-grandes, senzalas e mocambos, e assim faz o país progredir. E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar.

[...] O que mais quer, mulher, não lhe basta termos casado em comunhão de bens? E dizendo que eu era parte do seu futuro, que só ele porém tinha o direito de construir, percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado com regras ditadas no convívio comum. (PIÑON, 1980, s.p.).

Os trechos transcritos acima representam um dos momentos do conto que descrevem a condição social feminina. Denota-se que a identidade da mulher é atrelada à sombra de seu marido. A identidade feminina é apagada e sequer vista por uma sociedade machista dominada pelo poder masculino, ato social que se tornara corriqueiro, fazendo com que a própria mulher, em muitas oportunidades, passe a se conformar com as condições de “sombra” que se lhe são impostas.

A demonstração da identidade feminina sendo desconsiderada é gritante aos olhos dos leitores, tendo em vista, que a todo o momento aquela mulher faz menção ao modo em que o seu casamento e ela própria é vista aos olhos de outrem, em contrapartida, as suas vontades e posicionamentos são tratados como inexistentes - pois ao que tudo indica, de fato são inexistentes -.

No decorrer do conto, a submissão e a inferioridade atribuídas àquela mulher se misturam com o seu sentimento ideológico de revolta, o qual, no entanto, jamais ultrapassou a barreira da ilusão. A protagonista faz alusão ao seu sentimento de revolta e à sua ânsia pela própria liberdade - explicitando a segunda fase do conto, segundo Zolin - misturando-se com a realidade que ela havia de aceitar (ZOLIN, 2008, p.23).

O segundo momento visível na narrativa que é destacado por Zolin, consiste na revolta da mulher que sonha com uma liberdade e com uma vida existente para além das quatro paredes de sua casa e da sombra de seu marido. A irresignação se denota na medida em que a protagonista faz menção ao futuro, jamais cogitado anteriormente e “por meio da construção imaginária e metafórica, proclama sua liberdade e poder de dominação sobre si e seu desejo” (ZOLIN, 2008, p. 23).

Ao passo que trata a sua condição de submissa ao seu marido enquanto dever e obrigação revelam timidamente a sua ânsia e revolta com a condição que lhe é imposta. Assim, relata que não quer seu "esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado” (PIÑON, 1980, s.p).

Os sentimentos que urgem por liberdade, manifestam-se ainda de maneira mais intensa, sendo incontestável a sua repulsa quando narra o que seu marido confessa aos amigos “filho meu tem que ser só meu, confessou aos amigos no sábado do mês que recebíamos. E mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela”. Assim conclui: “a ideia de que eu não podia pertencer-me, tocar no meu sexo para expurgar-lhe os excessos, provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa” (PIÑON, 1980, s.p). Perpassado pelo segundo momento verificado no conto, não se poderia deixar de elucidar os trechos que seguem:

Olhei meus dedos revoltada com as unhas longas pintadas de roxo. Unhas de tigre que reforçavam a minha identidade, grunhiam quanto à verdade do meu sexo. Alisei meu corpo, pensei, acaso sou mulher unicamente pelas garras longas e por revesti-las de ouro, prata, o ímpeto do sangue de um animal abatido no bosque? Ou porque o homem adorna-me de modo a que quando tire estas tintas de guerreira do rosto surpreende-se com uma face que lhe é estranha, que ele cobriu de mistério para não me ter inteira?

[...] Eu lhe disse então, se não quer discutir o amor, que afinal bem pode estar longe daqui, ou atrás dos móveis para onde às vezes escondo a poeira depois de varrer a

casa, que tal se após tantos anos eu mencionasse o futuro como se fosse uma sobremesa? (PIÑON, 1980, s.p).

Após essas passagens destacadas e, se encaminhando para o final da narrativa, aquela personagem feminina retorna a realidade que lhe toca, ao casamento frio e mecânico, em que a mulher nada mais é do que uma dona de casa, servidora do marido e capaz de procriar (ZOLIN, 2008, p. 24).

A terceira fase da narrativa é manifestada a partir do momento que a protagonista se envergonha e se arrepende de ter vivenciado - ainda que somente por pensamentos - as suas fantasias que na verdade, consistem nos seus desejos calados e numa vida jamais vivida que sequer se terá a possibilidade de um dia, imaginar viver. Assim, veste-se daquela imagem que sempre foi imposta desde o seu nascimento. Apesar de seus delírios de liberdade, ela recua e aceita a máscara que a sociedade lhe atribuiu. (ZOLIN, 2008, p. 24). Arrependida, envergonhada e culpada, faz uso das seguintes palavras:

Para esconder minha vergonha, trouxe-lhe café fresco e bolo de chocolate. Ele aceitou que eu me redimisse. Falou-me das despesas mensais. Do balanço da firma ligeiramente descompensado, havia que cuidar dos gastos. Se contasse com a minha colaboração, dispensaria o sócio em menos de um ano. Senti-me feliz em participar de um ato que nos faria progredir em doze meses. Sem o meu empenho, jamais ele teria sonhado tão alto. Encarregava-me eu à distância da sua capacidade de sonhar. Cada sonho do meu marido era mantido por mim. E, por tal direito, eu pagava a vida com cheque que não se poderia contabilizar. (PIÑON, 1980, s.p).

Desta forma, a imagem que a personagem remete ao leitor, é de uma mulher, frágil, submissa e calada perante o seu marido, isto é, uma mulher obrigada a permanecer em um casamento que lhe é imposto pela ideologia burguesa, não tendo voz e nem vez. Todavia, ainda que a situação seja questionada pela mulher, ela não ousa em deixar sua acomodação de lado, e assim, acaba por aceitar aquela condição que um dia sequer fora escolhida (ZOLIN, 2008, p. 24).

Portanto, *I LOVE MY HUSBAND* é responsável por trazer à discussão o papel que a mulher, principalmente nos séculos passados, ocupava na sociedade. A narrativa evidencia a identidade feminina sendo apagada pela dominação masculina. A hierarquia de gênero é nitidamente sentida pelo leitor. Sobremaneira, na sociedade contemporânea, a mulher ainda é desvalorizada e luta pela igualdade de gênero e combate à dominação da classe masculina.

Assim, a segunda parte deste trabalho, em razão da metodologia adotada, se dedicará a imbricar as discussões dos construtos de identidade às questões de gênero e de memória, tendo em vista que, quando se trata de gênero feminino, a identidade marca e

ressalta a diferença e, a memória, se torna essencial para a construção da identidade cultural da mulher.

Neste íterim, as demais passagens que se imbricam, em uma relação sistêmica, com a construção do conceito de identidade feminina e memória, serão trazidas no decorrer do segundo capítulo para melhor elucidar a trama apresentada por Nélide Piñon.

3 A Construção da Identidade Cultural do Gênero Feminino a Partir dos Construtos Sobre a Memória

O conto *I LOVE MY HUSBAND* ao narrar a história de vida de uma mulher, traz à baila fatos que manifestam a construção da identidade social feminina a partir de questões inerentes ao gênero e memória. Como exemplo, logo no início do conto, a personagem refere “mal acordo, ofereço-lhe café. [...] Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição.”, observa-se ainda “depois, arrumo-lhe o nó da gravata e ele protesta por consertar-lhe unicamente a parte menor de sua vida”, bem como “ele diz que sou exigente, fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e por cima reclamo da vida” (PIÑON, 1980, s.p).

Os trechos acima destacados, remetem ao leitor de maneira clarividente o papel da mulher à serviço do homem, pois, é a mulher quem prepara o café, quem arruma o nó da gravata e quem fica dentro de casa lavando louça, enquanto o marido sai para trabalhar. As atividades de incumbência da mulher constroem a sua identidade, o mesmo acontece para o homem. Assim, a mensagem que se retira da narrativa é explícita no que tange à construção de identidades, evidenciando que estas se constroem a partir das diferenças de gênero. A memória, por outro lado, remete à ideia de cultura e dos marcos históricos que definem a identidade e o gênero feminino.

Neste sentido, é correto afirmar que o gênero feminino é construído a partir da identidade e da memória da mulher. Partindo dessa premissa, o presente estudo, nas linhas abaixo, atentar-se-á em demonstrar o papel da identidade feminina e da memória na construção do gênero feminino. Para tanto, será realizada uma abordagem conceitual e da crítica sobre gênero, a partir dos estudos de Judith Butler, referência contemporânea nas discussões de feminismo¹. Ressalta-se ainda, que na sequência, será feita uma abordagem a respeito dos construtos de identidade com um olhar para a construção de Stuart Hall, Kathryn

¹ A escolha de Judith Butler se dá a partir de sua importância de seus estudos contemporâneos sobre gênero, uma vez que nas estreitas linhas de um artigo científico não há como se exaurir todas as linhas e ondas de feminismo.

Woodward e Tomáz Tadeu da Silva. Já os construtos acerca de memória abordados serão os realizados por Michael Pollak e Fernando Catroga.

Ao tratar sobre gênero, Judith Butler levanta um questionamento sobre a concepção de “mulheres” enquanto sujeito do feminismo, afirmando que esse sujeito do feminismo é criado e também reprimido “pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação”. Nesta aceção, traça um questionamento quanto à divisão de sexo e gênero, em que o conceito de mulher é utilizado como fator determinante na constituição de uma identidade (BUTLER, 2003, p. 19-24).

Segundo a autora, a distinção entre os conceitos de sexo/gênero, ocorre na medida em que sexo deve ser compreendido por termos biológicos, ou seja, enquanto algo natural e inerente ao ser humano. Em contrapartida o conceito de gênero, é construído a partir de marcos culturais e sociais. Desta forma, se gênero é compreendido enquanto construção cultural, não pode ele decorrer de um ou de outro sexo (BUTLER, 2003, p. 19-24). Conclui Butler:

Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem e masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2003, p. 24-25).²

Conforme se depreende, Butler questiona justamente a distinção existente no binário sexo/gênero. Ainda que por um viés, a teoria feminista defenda que a mulher - unitária - seja o sujeito do feminismo, incontestavelmente introduz uma divisão desse sujeito. Nesta aceção a filósofa entende que o sexo é em verdade, uma construção cultural como o gênero e, portanto, afirma que “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p.25).

Partindo dessa premissa, o que se pode concluir é que a crítica levantada pela filósofa se dá em relação ao sujeito uno enquanto sujeito do feminismo e assim, coloca em pauta a possibilidade de um sujeito definido pelo *efeito*, ou seja, o próprio gênero enquanto efeito (BUTLER, 2003, p.58). Neste contexto, a partir do olhar de Butler, a identidade é construída não por um sujeito em si, mas sim por expressões constantes em um emaranhado de diferenças.

O vocábulo *diferença* é um convite para traçar as contribuições dos construtos de *identidade relacional*. Segundo Kathryn Woodward, ao analisar-se as relações sociais, é

² Grifos da autora.

importante perceber que as formas de diferença são estabelecidas por sistemas que marcam as diferenças entre os indivíduos. Assim, sempre existe a polarização do *nós* e *eles*, o *eu* e o *outro* (SILVA; HALL; WOODWARD, 2009, p. 40).

A identidade feminina depende, para existir da identidade masculina, uma vez que se constitui na diferença e, por isso, depende de uma identidade que ela não é, mas que, fornece as condições para que ela exista.

Assim, no que tange ao conceito de identidade, há de se referir que na modernidade ela vem sendo discutida e sofrendo mudanças conceituais muito significativas, tanto é que, Stuart Hall fala inclusive em uma “crise da identidade”. Os velhos paradigmas que constituíam a identidade e, por conseguinte, os modelos sociais estão sendo reconstruídos e deixando de lado as características primitivas. Sendo assim, a chamada crise da identidade consiste nestes processos de mudanças advindos com a pós-modernidade (2006, p. 07).

Diante desse processo de quebra de paradigmas propulsionado pela pós-modernidade, “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” e, sendo assim, delimitar “identidade” em um conceito único é um tanto quanto complexo, visto que, a ciência social contemporânea pouco o compreende para defini-la de maneira incisiva (HALL, 2006, p. 8). Sobre a transição da identidade na pós-modernidade, Stuart Hall afirma que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (2006, p.9).

Como se vê no trecho transcrito acima, aliado à mudança estrutural da sociedade pós-moderna, a identidade igualmente vem sofrendo os seus reflexos, uma vez que, é a partir da estrutura de uma sociedade que se determina os traços que marcam aquela ordem social e aqueles sujeitos, tais como cultura, gênero, etnia e, estes fatores que constroem a identidade, quando alterados, alteram também as marcas da identidade.

As identidades se formam no tempo, e, por meio de antecedentes históricos - ligados à memória - estabelecem suas reivindicações nos momentos de crise identitária. Com isso, pode-se afirmar que é justamente a imersão nas condições impostas de forma reiterada é

que hoje, a partir dos movimentos feministas, uma nova identidade feminina se forma, se constrói e reconstrói.

Assim, aliada aos elementos citados, a memória também é vista como um fator constituinte da identidade, abrangendo aqui, a identidade individual e coletiva, ao passo que remete à ideia de continuidade do sujeito. Analisando conjuntamente identidade e imagem de um sujeito - para ele mesmo e para os outros -, é correto afirmar que ninguém pode atribuir a si mesmo uma identidade blindada às mudanças, uma vez que, a identidade se constrói em referências aos outros. (POLLAK, 1992, s.p). A partir de tais fatores, é que se torna complexo chegar-se a um conceito uno de identidade.

É possível aproximar-se à definição de identidade elencando três concepções de sujeito, sejam eles: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. A primeira concepção definia o sujeito enquanto um ser unificado, dotado de razão, consciência e ação, pode-se dizer que consistia em uma concepção individualista de sujeito e identidade. O sujeito sociológico, no entanto, passou a trazer a existência de um mundo moderno, em que o sujeito não era autônomo, mas sim, construído a partir da relação com outras pessoas. Em contrapartida à primeira concepção, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa e pré-definida, isto quer dizer que, a identidade do sujeito pós-moderno é construída a partir de cada momento social e cultural em que vive (HALL, 2006, 09-13).

A partir das concepções de sujeito que podem ser tidas como determinante de identidades verifica-se que, na sociedade atual, todo sujeito pode possuir identidades diversas levando em conta o momento social em que está inserido, o que por consequência determina a cultura daquele momento e, assim, constrói a identidade, não podendo deixar de olvidar que partindo desta enunciação as identificações - identidade - do sujeito “estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Conforme se depreende, na pós-modernidade, a identidade definida pela cultura e etnia de um povo vem sofrendo alterações, ao passo que a própria cultura sofre influência de outras culturas e, portanto, definir identidade em um conceito único torna-se extremamente complexo. Na medida em que se expande a globalização, as identidades passam a ser desvinculadas ao tempo, lugar e tradições. Desta forma, “somos confrontados por uma gama de identidades” (HALL, 2006, p. 74-75).

Impõe ressaltar que o presente estudo busca tratar da construção da identidade do gênero feminino embasado nos construtos de memória demonstrados no conto *I LOVE MY HUSBAND*, escrito na década de 80. No entanto, destaca-se que, a condição da mulher desde lá sofrera inúmeras alterações, que continuarão em evolução, motivo pelo qual se buscou

elencar a crítica construída por Judith Butler sobre gênero, bem como as mudanças de identidade elencadas por Stuart Hall, Kathryn Woodward e Tomáz Tadeu da Silva.

Desta forma, no terceiro momento da construção deste capítulo, elencar-se-a construtos acerca da memória no intuito de compreender como se dera a construção da identidade cultura do gênero feminino na narrativa utilizada como ponto crucial do estudo.

Pollak elenca que a memória é constituída de acontecimentos, pessoas e personagens e lugares, os quais podem ser concretos ou não. Os acontecimentos, podem ser realmente vividos ou então “vividos por tabelas” - o que encontra clara ligação com a história da protagonista de *I LOVE MY HUSBAND* -. Às pessoas e personagens aplica-se o mesmo esquema, ou seja, se pode falar em personagens realmente encontradas ou personagens conhecidas por tabela. No tocante aos lugares, estes são ligados à lembrança. (1992, s.p). Em suma:

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos. (POLLAK, 1992, s.p).

Neste sentido, é correto afirmar que a memória, constituída pelos elementos acima destacados, é tida como um elemento que faz parte da construção de uma identidade, na medida em que a memória é um fator do sentimento, da coerência e da continuidade de uma pessoa (POLLAK, 1992, s.p).

Conforme mencionado por Pollak, os elementos da memória podem realmente ser vividos, ou então, vividos por tabela. Imperioso remeter-se à este ponto na análise da narrativa abordada nesta pesquisa, visto que, a narrativa manifesta claramente momentos vividos “por tabela” pela mulher protagonista. Ao passo em que a mulher se conforma com a vida que lhe é imposta, ela vivencia por meio de seus pensamentos situações que deseja, mas que, porém, é impedida de vivenciar pela condição que lhe é atribuída naquele momento. Vejam-se as passagens abaixo:

A idéia de que eu não podia pertencer-me, tocar no meu sexo para expurgar-lhe os excessos, provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa. Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso, precisava também atar minhas mãos, para minhas mãos não sentirem a doçura da própria pele, pois talvez esta doçura me ditasse em voz baixa que havia outras peles igualmente doces e privadas, cobertas de pêlo felpudo, e com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal? [...] Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem. Antes dele a mãe insinuou que o nosso sexo

mais parecia uma ostra nutrida de água salgada, e por isso vago e escorregadio, longe da realidade cativa da terra. [...] Meu coração ardia na noite do casamento. Eu ansiava pelo corpo novo que me haviam prometido, abandonar a casca que me revestira no cotidiano acomodado. [...] Assim fui aprendendo que a minha consciência que está a serviço da minha felicidade ao mesmo tempo está a serviço do meu marido. (PIÑON, 1980, s.p).

Percebe-se nas palavras da protagonista, uma alusão de um passado, na medida em que se recorda das palavras ouvidas de outrem e de seus sentimentos no dia de seu casamento. Neste viés, remete-se a ideia de Catroga, o qual afirma que a memória não consiste em um registro do passado, mas sim em um mecanismo seletivo, que representa um momento do passado a partir da situação dada no presente (CATROGA, 2001, p. 46).

A mulher demonstra ainda, a uma fantasia tão próxima por meio de seus pensamentos e desejos e, ao mesmo, tempo tão distante, pois impedida pela realidade que vivencia. Neste contexto, o conto escolhido para análise desta pesquisa, demonstra notoriamente que a identidade cultural do gênero feminino é construída a partir da trinomia identidade, gênero e memória.

Estes três elementos citados, atrelados entre si, demonstram a condição da mulher. Não há uma ordem acerca da ligação existente entre eles, eis que decorrem desse ponto diversas interpretações. Identidade, gênero e memória, um decorrente do outro e vice-versa, portanto, constroem a condição feminina. Imperioso salientar que a conto analisado, narra com um olhar histórico a trajetória percorrida pelas mulheres nas últimas décadas.

Como se denota, o conto é narrado em primeira pessoa e escrito no ano de 1980, ou seja, aquela narrativa descreveu a história de vida de inúmeras mulheres daquela década. Com o passar dos anos, a força feminina fora ganhando espaço, voz e vez na sociedade. Devido a isso, é que se pode aferir com esta pesquisa, a complexidade em conceituar de maneira limitada os conceitos de identidade, gênero e memória, eis que tais conceitos encontram-se cada vez mais flutuantes em uma sociedade pós-moderna que está a quebrar paradigmas a todo instante.

Portanto, verifica-se que a identidade cultural do gênero feminino é, em termos gerais e não individualizados, constituída levando em conta os construtos de memória inerentes à condição da mulher em cada momento da sociedade. Verificou-se que em *I LOVE MY HUSBAND*, a identidade da protagonista, enquanto representante das mulheres daquele momento social, estava atrelada a noção de submissão e inferioridade em relação ao homem, em uma sociedade que vigorava a dominação masculina e, assim, com base nessas estatísticas, se formava a identidade da mulher.

Em contrapartida, a identidade cultural do gênero feminino que será construída em relação à condição da mulher no século XXI será diversa daquela apresentada no conto, devido a que, identidade, gênero e memória - sempre correlacionados - não se limitam a um conceito uno, pois, estes elementos que compõe a identidade cultural do gênero feminino estão sempre atrelados à paradigmas de mudanças, visto que, nas últimas décadas os movimentos feministas e as lutas das mulheres ganharam espaço na sociedade contemporânea e assim, os paradigmas primitivos começam a ficar nos séculos passados e, às mulheres, é permitido construir a sua própria identidade.

4 Conclusão

Desde o início dos tempos, a mulher sempre ocupou na sociedade uma condição que lhe era imposta, qual seja a de submissão e inferioridade diante à dominação masculina que por muitos anos perdurou fortemente no contexto social. Diferentemente dos homens que poderiam traçar os seus próprios caminhos, a mulher já nascia com o seu destino planejado, sem que tivesse autonomia ou pudesse ao menos questionar o futuro que lhe esperava.

O homem sempre dominou a sociedade em todos os seus segmentos e a mulher, existia para servir ao homem. Primeiramente, a mulher era submissa ao seu pai e inclusive aos seus irmãos e figuras familiares masculinas. Após, essa hierarquia e soberania masculina se dava em relação ao seu marido. No matrimônio, a mulher para cumprir o seu papel e ser realizada enquanto mulher - segundo os olhos da sociedade - deveria servir ao seu marido, o qual era o mantenedor do lar, e constituir uma família, ou seja, deveria ocupar o papel de mulher enquanto dona de casa, mãe e esposa.

Com o passar do tempo, as mulheres passaram a manifestar as suas inquietações e insatisfações com a condição imposta pela sociedade patriarcal. Por volta dos anos setenta, começam a surgir os movimentos feministas e a crítica feminista, revolucionando o papel da mulher na sociedade e em todos os seus campos. A partir deste momento, as mulheres começaram a conquistar o seu espaço, seja em relação ao seu próprio corpo, seja em relação ao mercado de trabalho, bem como à política e questões sociais.

Aliado a estas conquistas, as mulheres passaram a ocupar forte espaço no campo da literatura. Diversas escritoras marcaram os anos setenta e oitenta com as suas obras, as quais tratavam dos mais variados assuntos relacionados a condição e identidade cultural feminina. Para elucidar tais questões, a presente pesquisa analisou as mensagens que podem ser apreendidas pelos leitores no conto *I LOVE MY HUSBUND*, de Nélide Piñon, narrativa

essa que abre um leque de discussões sobre a construção da identidade cultural feminina a partir dos construtos de memória.

I LOVE MY HUSBUND, apresenta o dia-a-dia de uma mulher e os percalços enfrentados no seu matrimônio dentro das quatro paredes de sua casa. Evidencia-se um casamento atrelado aos princípios burgueses, em que o marido é o mantedor da casa e a mulher a “dona de casa”. A protagonista do conto por meio da narrativa manifesta os seus sentimentos que vão do conformismo com aquela condição que lhe é imposta até sua revolta e manifestação de seus sentimentos que urgem por liberdade, no entanto, ao final da narrativa, a mulher retorna à sua realidade e ao conformismo com a vida que lhe foi traçada.

No conto analisado, evidenciam-se as questões inerentes à construção da identidade cultural do gênero feminino a partir da memória. Desta forma, após analisar-se algumas passagens substanciais da narrativa, fora elencados neste estudo questões conceituais e críticas relativas à identidade, gênero e memória. A memória enquanto elemento essencial à construção da identidade do gênero feminino.

No que tange ao gênero, verificou-se que Judith Butler, um dos principais nomes nas discussões de feminismo, levanta uma crítica ao papel da mulher, uma, enquanto sujeito do feminismo. Para Butler, gênero deve ser visto como um efeito. Em relação à identidade, conforme as teorias de Michael Pollak, vive-se uma crise da identidade na pós-modernidade, visto que, não se pode atribuir a sua construção unicamente à questões ligadas à cultura.

Portanto, nesta pesquisa se pode aferir que, identidade, gênero e memória encontram-se atrelados entre si e, a construção de cada indivíduo depende destes três elementos. Assim, verificou-se que é um tanto quanto complexo conceituar incisivamente cada um deles, visto que, com o passar das décadas a construção da identidade cultural do gênero feminino sofrera e seguirá sofrendo alterações, na medida em que, conforme se depreende no conto narrado em 1980, a mulher possuía uma condição de submissão, no entanto, com o passar das décadas, tal condição está sendo modificada e, a mulher vem ganhando voz e vez na sociedade contemporânea.

Ressalta-se por fim, a importância de discutir a construção da identidade cultural feminina no contexto atual, pois, ao olhar para o passado e aos caminhos trilhados pelas mulheres até o presente momento, é clarividente todos os percalços enfrentados e todas as conquistas alcançadas. Analisar e discutir questões inerentes à construção da identidade cultural do gênero feminino e relativas à condição da mulher no contexto social, é reiterar a ideia de que as mulheres nunca deixarão de lutar pelo fim da hierarquia patriarcal e pela igualdade de gênero.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. ed: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Editora Quarteto. ed.1, 2001.

DE LETRAS, Academia Brasileira. **Biografia de Nélida Piñon**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/nelida-pinon/biografia>>. Acesso em 21 jun de 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014200300030001>. Acesso em 20 jun de 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TRADUÇÃO: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. **O pensar complexo e a crise da modernidade**. Organizadores: Alfredo Pena-Vega e Elimar Pinheiro de Almeida. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Vol. 5. n.10. Rio de Janeiro: 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009

XAVIER, Elódia. **Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória**. Disponível em: <<http://litcult.net/2012/11/06/narrativa-de-autoria-feminina-na-literatura-brasileira-as-marcas-da-trajetoria/>>. Acesso em 20 jun de 2018.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina no contexto da pós-modernidade**. In: Revista de Estudos Literários - Ipotese. Vol. 13. Minas Gerais, 2009. Disponível em: <<https://ipotesi.ufjf.emnuvens.com.br/ipotesi/article/view/613/549>>. Acesso em 22 jun de 2018.

_____. **A construção do feminino nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas: Miguel Torda e Nélida Piñon**. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4183/2847>>. Acesso em 22 jun de 2018.

_____. **A representação da mulher na narrativa de Nélida Piñon**. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1112/950>>. Acesso em 22 jun de 2

**PATHWAYS BETWEEN DOMINATION THE SUBMISSION: THE
CONSTRUCTION OF FEMALE CULTURAL IDENTITY IN "I LOVE
MY HUSBUND", FROM NÉLIDA CUIÑAS PIÑÓN FROM THE
CONSTRUCTIONS ON MEMORY**

Abstract

The present study aims to demonstrate the construction of female identity driven by issues inherent to memory and gender relations. For that, the narrative *I LOVE MY HUSBUND* by writer Nélide Piñón was used as a paradigm in order to carry out an analysis of the construction of the feminine identity presented in the story. For this analysis to be possible, through the technique of bibliographical research, the conceptual constructs of gender and memory were elucidated, which are linked to the construction of the feminine identity. Using the method of systemic-complex approach, an analysis of the main passages of the tale was carried out, in which it was possible to identify factors that lead to the construction of identity linked to the condition of being a woman and, later, to analyze in a more conceptual way the issues of identity, gender and memory that dialogue with one another. The analysis of the narrative was made feasible through the method of monographic procedure. In this way, it was possible to verify that the feminine identity is tied to historical questions, which leads to the construction of the memory of the woman who, originally, was exclusively seen for matrimonial and domestic tasks. Thus, the memory of a woman, along with her identity, eventually define the female gender.

Keywords: Gender. Identity. Memory.

Recebido em: 10/07/2019

Aprovado em: 11/08/2019